



O DEBATE



Procuram-se empresas que queiram estudantes de topo

Portugal tem ótimas escolas, capazes de formar bons gestores e bons economistas, mas tem ainda um longo caminho a percorrer no sentido de captar e reter os seus talentos, não os deixando fugir em busca de desafios que não encontram cá dentro.

FILOMENA LANÇA filomenalanca@negocios.pt **TIAGO VARZIM** tiagovarzim@negocios.pt **ANDRÉ VERÍSSIMO** averissimo@negocios.pt

Numa coisa todos estão de acordo: Portugal tem "business schools" de topo, das melhores, capazes de concorrer internacionalmente. Mas tem também falta de quadros especializados. E bons profissionais que preferem ir para fora e outros que não querem, mas que acabam também por ir, em busca de um reconhecimento

e uma realização pessoal que por cá têm dificuldades em conseguir.

Seis "deans" e outros tantos alunos sentaram-se à mesa, a convite do Negócios, para discutir formas de "pôr Portugal a crescer mais" e a conversa caiu inevitavelmente na educação e na formação contínua ao longo da vida como peças-chave essenciais para melhorar a competitividade do país.

Primeiro os alunos. Edgar Silva, aluno da Porto Business School, faz o diagnóstico: "Temos

excelentes escolas, das melhores do mundo em termos de educação", mas depois "deixamos partir muitos dos nossos talentos e boa parte do nosso investimento na educação acaba por ser aproveitado noutros países".

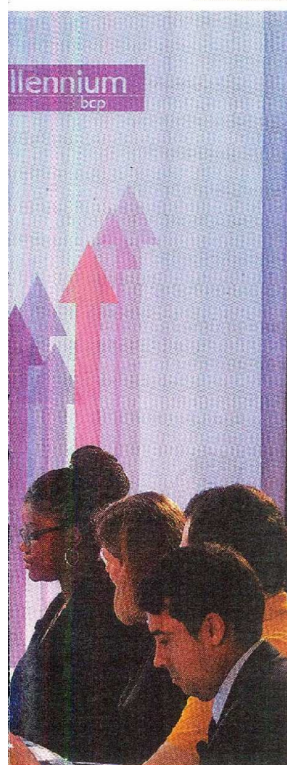
Mas a qualidade é transversal? Nem por isso, e não é difícil encontrar assimetrias, lembrou Nuno Tirapicos, aluno da Nova SBE: "Temos universidades de topo, mas temos outras em que os alunos estudam com ratos e com

baratas, com condições que não são dignas", exemplificou. "Como é que um aluno se pode sentir motivado?", questiona, lembrando que as assimetrias acabam por se refletir na competitividade. "A qualidade da educação deve ser um dos caminhos a seguir para, no longo prazo, aumentarmos a nossa competitividade", sublinha. E por isso "o investimento não pode ser só nas 'business schools', mas também em todas as outras".

Em todas as outras, mas mui-

to também nas empresas que depois não recebem esta mão de obra qualificada. Sofia Salgado Pinto, diretora da Católica Porto Business School, concorda que de facto temos "business schools a nível competitivo, do melhor que se faz na Europa e no mundo, mas depois na parte das empresas não estamos a ver a mesma capacidade de atração e retenção".

A professora não tem dúvidas: "Quando falamos em investimento, um dos desafios que Portugal



A formação contínua foi um dos temas que marcaram a troca de ideias entre as escolas de negócios.

tem é captar talento nacional que está fora" e "reter talento que resolve sair porque não encontra cá condições para se realizar profissionalmente".

Alunos e professores deixa-

ram o recado aos líderes empresariais: o país precisa de "empresas dinâmicas", que "reconheçam o talento e o mérito" e que o façam no longo prazo, sintetiza Sofia Salgado Pinto. Ora, "esse caminho passa por tecnologia, informação, mas também por formação e ainda há muita resistência a ver a formação como um instrumento que traz valor".

Ramon O'Callaghan, reitor da Porto Business School, concorda e lembra que "a mobilidade do talento é hoje uma realidade" e que, por isso, muito rapidamente um país pode perder profissionais competentes.

Por outras palavras, a bola fica do lado das empresas. Portugal tem um "défice" em matéria de "práticas de gestão, 'corporate governance' e formação", considera. "A qualidade dos engenheiros aqui é muito boa" e "há muitas empresas internacionais que vêm cá por causa disso", exemplifica. Porém, "há boa qualidade, mas pouca quantidade" e não é difícil encontrar "CEO que se queixam da saída de cérebros".

Em suma, sem bons profissionais, os níveis de competitividade das empresas recuam, mas sem um projeto empresarial devidamente estimulante também é difícil encontrar bons profissionais, porque "não é só salário, é também projeto, empresas dinâmicas, que reconhecem o talento e o mérito, que apoiem no longo prazo, isso atrai talento e qualidade, porque não se está a olhar só para o curto prazo", defende Sofia Salgado Pinto.

"Temos de fazer algo para que a sociedade saiba qual é a importância da aprendizagem e formação ao longo da vida" e "temos um papel enquanto 'business school', no sentido de contribuir para mudar essa cultura", remata O'Callaghan. ■

Está aí uma nova geração de economistas e gestores?

Há alguns anos, um aluno "estudava para desenvolver a sua carreira numa empresa. Hoje, os jovens procuram desafios diferentes e todas as ferramentas e competências são também diferentes", ao ponto de "quem não dominar a tecnologia", corre "um sério risco de ser excluído". Ana Moraes, vice-presidente do ISEG, não tem dúvidas: há uma "visão diferente do emprego, do trabalho, do futuro, que fará toda a diferença" para a nova geração que está a começar a chegar ao mercado de trabalho.

Na iniciativa do Negócios sobre "como pôr Portugal a crescer mais", que decorreu esta segunda-feira em Lisboa, falou-se de desafios e de potencialidades. Sofia Salgado Pinto, diretora da Católica Porto Business School, não tem dúvidas: "Estão muito bem preparados e com um potencial de alcance muito grande. Têm à sua disposição o que podem precisar e sabem como utilizar. Cabe-nos a nós também dar oportunidades e provocá-los".

Para Pedro Brinca, professor da NOVA SBE, "o grande desafio da nova geração é um modelo competitivo, capaz de reter talento e ao mesmo tempo de garantir a coesão social". Brinca acredita que "há fatores estruturais que permitem encarar esse desafio com algum otimismo e um lastro geracional, uma página que é preciso virar". ■

E depois do curso, partir ou ficar?

Não há uma resposta só desimou não, ainda menos uma resposta única. Miguel, Sara, Edgar, Nuno, Diogo, Illdye são alunos de diferentes "business schools" do país e à pergunta sobre o que querem do seu futuro admitem ir, admitem voltar, mas desistir de Portugal ninguém quer.

"Gostava de ficar cá, para ajudar a fazer crescer o país", afirma, de choftre, Edgar Silva, da Porto Business School. "Temos um potencial enorme e as PME precisam de novas ideias para as fazer crescer", acrescenta, lamentando, porém, que em Portugal seja "sempre tudo pensado no curto prazo". Porque, se queremos ser sustentáveis, "não podemos pensar a quatro anos".

É também por cá que Nuno Tirapicos gostava de, "idealmente", seguir a carreira académica, quando terminar o percurso atual na Nova SBE. Não descarta um doutoramento lá fora, mas é aqui que tem a família, "um fator que sempre contará muito".

Uma aprendizagem no estrangeiro e o conhecimento de novas realidades é, aliás, algo muito encorajado pelos professores. Como afirma, Ramon O'Callaghan, diretor da Porto Business School, "vivemos num mundo global e sair para ver como as coisas são e funcionar é fundamental". "Encorajo sempre as pessoas a passarem pelo menos uma parte das suas vidas no estrangeiro", declara. E os por-

tugueses no estrangeiro têm fama de se destacar. "Um aluno de Erasmus português é sistematicamente aquele que tem melhor 'performance'", assegura Pedro Brinca, professor da Nova SBE.

Sara Caetano, aluna de MBA da AESE, é quem menos dúvidas tem, talvez porque já tem experiência do mercado de trabalho: "Quero acreditar que eu sou um talento que o meu país pode aproveitar. Não quero sair. Temos um país com condições extraordinárias", afirma. "É verdade que o mundo é feito de oportunidades e se a grande oportunidade estiver em Portugal, isso é o ideal", concorda Fátima Carioca, sua diretora na AESE.

E é à procura da sua oportunidade que Miguel Duarte está decidido a ir, mal termine a sua passagem pelo ISEG. A decisão, explica, "tem a ver com o facto de a progressão lá fora ser superior". Se por cá houvesse "uma maior cooperação entre as grandes empresas estrangeiras e as PME, talvez o nosso talento ficasse retido em Portugal", afirma.

Diogo Bárbara, da ISCTE Business School, reconhece que gostava de ficar. Mas, "se houver uma grande oportunidade lá fora", também não dirá que não à partida. "Isso é inerente ao ser humano, mas, por princípio, também faz sentido a geração mais qualificada dar uma oportunidade ao seu país", remata. ■

FL/TV/AV